



Revista Tempo e Argumento
E-ISSN: 2175-1803
tempoeargumento@gmail.com
Universidade do Estado de Santa
Catarina
Brasil

Miani, Rozinaldo Antonio
Coletâneas de charges da imprensa sindical: fontes visuais para uma história a
contrapelo
Revista Tempo e Argumento, vol. 8, núm. 18, mayo-agosto, 2016, pp. 249-267
Universidade do Estado de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=338147802011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Coletâneas de charges da imprensa sindical: fontes visuais para uma história a contrapelo

Resumo

A história do Brasil pode ser apresentada ou interpretada com o auxílio de diversas fontes históricas. Dentre essas fontes, em geral, a produção comunicativa tem ganhado cada vez mais relevância na produção historiográfica. Nesse sentido, destacamos as charges no contexto da imprensa sindical brasileira, que, em nossos estudos, ocupam posição central como produto comunicativo e fonte histórica. Desde o final da década de 1970, com o ressurgimento do movimento sindical sob a égide de um “novo sindicalismo”, a charge tem sido utilizada como importante estratégia comunicativa reveladora dos mais amplos e notórios processos políticos. A compilação de conjuntos de charges em coletâneas tem contribuído para oferecer um rico material de pesquisa, promovendo a disponibilização de fontes históricas alternativas para a produção historiográfica. Este artigo tem por objetivo identificar e analisar as coletâneas de charges produzidas no contexto da imprensa sindical, caracterizando-as como fontes históricas para a produção de uma análise da história a contrapelo.

Palavras-chave: Charge; Imprensa Sindical; Fonte Histórica; Fonte Visual; Estratégia Comunicativa.

Para citar este artigo:

MIANI, Rozinaldo Antonio. Coletâneas de charges da imprensa sindical: fontes visuais para uma história a contrapelo. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 18, p. 249 - 267. maio/ago. 2016.

Rozinaldo Antonio Miani

Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Campus Assis).
Estágio Pós-Doutoral na Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade Estadual de Londrina (UEL).
Brasil
mianirozinaldo@gmail.com

DOI: 10.5965/2175180308182016249

<http://dx.doi.org/10.5965/2175180308182016249>

Collections of editorial cartoons by the trade union press: visual sources for a history against the grain

Abstract

The history of Brazil may be presented or interpreted with the aid of various historical sources. Among these sources, communication production has generally gained increasing importance to the historiography making. Thus, we highlight the editorial cartoons in the context of the Brazilian trade union press, which, in our studies, occupy a central position as a communication product and historical source. Since the late 1970s, with the resurgence of the trade union movement under the aegis of a 'new trade unionism,' the editorial cartoon has been used as a significant communication strategy that reveals the broadest and most notorious political processes. Compiling sets of editorial cartoons into collections has helped providing a rich research material, promoting the availability of alternative historical sources for historiography making. This article aims to identify and analyze collections of editorial cartoons produced in the context of trade union press, characterizing them as historical sources to produce an analysis of history against the grain.

Keywords: Editorial Cartoon; Trade Union Press; Historical Source; Visual Source; Communication Strategy.

Introdução

A produção historiográfica que, por muito tempo, excluiu as fontes visuais como fontes históricas e que, ainda, impõe uma desconfiança à iconografia quando se trata de utilizar tais fontes no estudo de determinados temas históricos, rende-se à importância das charges para estudar a história política brasileira recente.

Desde o surgimento da imprensa alternativa, aqui delimitada como a imprensa produzida no período da ditadura civil-militar (1964-1985) e que atuou como espaço de resistência e denúncia contra as mazelas produzidas pelos governos ditatoriais - nas bases conceituais e analíticas desenvolvidas por Bernardo Kucinski (1991) -, a charge

ganhou revelo no contexto da produção comunicativa impressa alternativa e contra-hegemônica¹.

Reconhecida como uma das principais estratégias comunicativas de jornais como *O Pasquim*, *Movimento* e outros, a charge foi fundamental para consolidar uma marca e uma cultura para a imprensa alternativa que agregou criticidade, criatividade e humor, além de projetar uma geração de chargistas e cartunistas que estabeleceram um novo cenário do humor gráfico no Brasil no último quartel do século XX.

Como influência - ou mesmo espólio - da imprensa alternativa, a cultura da utilização de charges como estratégia comunicativa foi, gradativamente, sendo incorporada pela (re)nascente imprensa sindical brasileira, sob a égide de um “novo sindicalismo”. Inclusive, alguns chargistas que atuavam em publicações da imprensa alternativa passaram a ilustrar para sindicatos de trabalhadores, dentre eles Henfil e Laerte. Por sua vez, outros chargistas começaram ou deram maior impulso às suas carreiras ilustrando para sindicatos de trabalhadores.

O fato é que a charge passou a fazer parte da cultura política da imprensa sindical e, mais do que isso, tornou-se uma estratégia comunicativa - marcada pela contundência crítica e persuasiva, além da ludicidade e do bom humor - para registrar e interpretar os mais ínfimos e também os mais complexos processos e fatos políticos decorrentes do contexto da luta de classes impulsionados pelo movimento sindical classista e combativo.

A repercussão do uso de charges na imprensa sindical foi apresentando outros desdobramentos, dentre os quais a possibilidade de produzir coletâneas de charges, seja para oferecer como regalo aos associados dos respectivos sindicatos em razão de circunstâncias comemorativas especiais, seja para organizar a memória da imprensa do sindicato ou da própria entidade. Não necessariamente de forma despretensiosa, o que se construiu com essa prática foi efetivamente a possibilidade de oferecer um rico material para pesquisa histórica e produção historiográfica.

¹ Não se trata de afirmar o ineditismo da presença da charge no contexto de uma imprensa contra-hegemônica apenas a partir da imprensa alternativa. A imprensa anarquista da primeira metade do século XX e a imprensa comunista, principalmente a partir da década de 1940, utilizaram de maneira importante essa estratégia comunicativa.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é identificar as coletâneas de charges da imprensa sindical, produzidas ao longo das últimas décadas no Brasil, mostrando a relevância dessa fonte histórica para a produção historiográfica da história política brasileira do tempo presente, bem como caracterizar tais coletâneas como produções sociopolíticas potencialmente construtoras de uma história a contrapelo (BENJAMIN, 1994).

Para tanto, faremos uma breve reflexão sobre as principais características da charge - como sua natureza dissertativa, crítica e humorística - argumentando a respeito de sua condição de fonte histórica. Em seguida, apresentaremos e comentaremos as diversas coletâneas de charges da imprensa sindical encontradas em nosso levantamento. Por fim, faremos uma análise da natureza sociopolítica dessas coletâneas como fontes históricas a serviço da construção de uma história a contrapelo.

Charge como produto comunicativo e fonte histórica

Dentre os vários produtos comunicativos de natureza visual, atribuímos centralidade em nossos estudos à charge. Por charge entendemos

[...] uma representação humorística de caráter eminentemente político que satiriza um fato ou indivíduo específicos; ela é a revelação e defesa de uma idéia, portanto de natureza dissertativa, traduzida a partir dos recursos e da técnica da ilustração. [...] A charge deve ser reconhecida como uma espécie de “editorial gráfico” (MIANI, 2005, p. 25).

Essa condição de “editorial gráfico” se define em razão de ser a charge, enquanto gênero jornalístico, uma produção de natureza opinativa e, portanto, dissertativa, oferecendo ao leitor determinada perspectiva de análise crítica a respeito de um fato da realidade sociopolítica atual por meio de recursos visuais. As condições de produção de uma charge, invariavelmente, levam em consideração a linha político-editorial do veículo comunicativo onde tal imagem será veiculada combinada com a visão de mundo do próprio chargista.

Outra característica importante da charge, ainda compreendida como expressão comunicativa, é sua efemeridade. A charge está associada a um fato específico, portanto,

inscrita em um tempo e espaço determinados. Reconhecemos que “a charge mantém sua eficácia e eficiência apenas no curto período de tempo em que o acontecimento a que se refere permanece na memória individual e social imediata; depois disso ela se torna obsoleta enquanto produto comunicativo” (MIANI, 2005, p. 33).

O humor é outro atributo que consideramos inerente a toda charge. Entretanto, não se trata de pensar o humor, exclusivamente, como o elemento disparador do riso; mais do que isso, o humor que se apresenta na charge é fundamentalmente caracterizado por sua propriedade de “minar a lei”, promovendo uma transgressão na apropriação dos elementos que compõem o contexto retratado por determinada charge. Já afirmava Umberto Eco (1989, p. 19 “tradução nossa”) - ao tratar do humor em sua relação com o carnaval - que o humor nos adverte sobre “a presença de uma lei que já não há razão para obedecer”. Ao aproximar essa compreensão de humor para refletir sobre a natureza humorística da charge, afirmamos que:

É pelo humor que uma charge ganha ares de transgressão ao estabelecer uma contradição entre o personagem e a situação real que é retratada, pois a ilustração apresenta uma (im)possibilidade do fato (utilizando-se de elementos intertextuais ou pertencentes ao universo do receptor para permitir a sua compreensão) e jamais se configura como uma mera reprodução das circunstâncias do ocorrido; sendo assim, o humor funciona como uma forma bastante consistente de crítica social (MIANI, 2005, p. 30).

Em uma reflexão sobre as relações entre História e linguagens, o historiador Marcos Antonio da Silva (1985/1986, p. 57) apresentou uma excelente síntese sobre a caracterização do “desenho de humor”, que contribuiu decisivamente para construir nossa convicção anteriormente manifestada:

O desenho de humor opera com a colocação de valores e significações em crise, realizando deslizamentos na estruturação de tais valores e significações para desnudar algumas de suas dimensões ocultas. Ele é produzido a partir de uma lógica do prazer que tanto excita quanto dociliza os corpos, numa escala variável de acordo com os projetos artísticos, culturais, políticos e outros sustentados por diferentes autores.

Além das características brevemente apresentadas, quais sejam, a natureza dissertativa, a criticidade, a efemeridade e a presença do humor, devemos, ainda, considerar que a charge participa de um contexto comunicativo que é mais amplo, pois as charges são publicadas em jornais, revistas, boletins ou outras publicações impressas, que contêm textos de diferentes gêneros jornalísticos e também outros recursos visuais, como fotografias e infográficos. Todos esses elementos constituem um ambiente marcado pela intertextualidade e é precisamente nesse contexto que se deve observar e analisar a presença das charges.

Toda essa reflexão se apoia na condição da charge como produto comunicativo. À medida que a charge, e todo o veículo impresso (jornal, revista, boletim) vai se distanciando de sua função propriamente comunicativa (grosso modo, a de oferecer informações e interpretações para subsidiar o conhecimento cotidiano dos fatos de uma sociedade), ela passa a agregar de maneira contundente sua condição de fonte histórica.

Sem os preconceitos que já se manifestaram a respeito de fontes visuais e, principalmente, sem as limitações epistemológicas impostas por uma tradição positivista que hegemonizou o campo da História por várias décadas, reivindicamos o reconhecimento da charge como uma fonte legítima para a produção de análises históricas e de todo tipo de produção historiográfica.

Coletâneas de charges da imprensa sindical: fontes visuais à disposição dos historiadores

A charge é uma produção comunicativa presente em toda a imprensa brasileira. Desde meados da década de 1840, quando passou a ser publicada com certa regularidade pela revista *Lanterna Mágica* (1844-1845) - inaugurando o que ficou conhecido como imprensa ilustrada -, a charge encontrou na imprensa um terreno fértil para sua difusão.

Importantes revistas do final do século XIX - com destaque para *A Revista Ilustrada* (1876-1898) - e jornais e periódicos, principalmente, a partir do início do século XX, promoveram uma importante revolução na cultura política da imprensa brasileira com a consolidação do uso de charges no contexto das publicações impressas. À medida que as tecnologias para a produção da imprensa foram se desenvolvendo, a charge foi

ganhando cada vez mais espaço e importância, tanto na imprensa burguesa quanto na imprensa operária.

No contexto da imprensa operária, ressaltamos a demasiada utilização desse recurso comunicativo visual por parte da imprensa anarquista - que teve o jornal *A Plebe* (1917-1951) como uma das experiências mais significativas - e, posteriormente, pela imprensa comunista - com destaque para o jornal *A Classe Operária* (1925-atual) e o jornal *Voz Operária* (1949-1979). Mais recentemente, as várias experiências conhecidas como imprensa alternativa - e nesse caso, não podemos deixar de mencionar o jornal *O Pasquim* (1969-1991) e o jornal *Movimento* (1975-1981) - também foram marcadas pelo uso de charges como estratégia comunicativa, principalmente com o objetivo de burlar a censura imposta pela ditadura civil-militar (1964-1985) e fazer do humor e da crítica, por meio de tais produtos visuais, parte fundamental de seus propósitos políticos e editoriais.

Em uma etapa seguinte na história da imprensa operária brasileira, Maria Nazareth Ferreira (1988) insere a imprensa sindical. O processo de rearticulação política das organizações de esquerda e dos movimentos populares na luta contra a ditadura fez surgir uma nova concepção no interior do movimento sindical que foi chamada de “novo sindicalismo”. Coetânea ao “novo sindicalismo” surgiu uma “nova imprensa sindical”, que, segundo Valdeci Verdelho (1986), apresentava características muito específicas em relação ao que se produzia até então. Dentre essas particularidades, o autor destaca uma mudança no estilo e na linguagem utilizada na imprensa sindical. Em razão disso, o autor afirma que a imprensa sindical passou a “recorrer freqüentemente a imagens para transmitir uma idéia e abrir amplo espaço para recursos visuais, como ilustrações, charges, cartuns, fotos e quadros esquemáticos” (VERDELHO, 1986, p. 97).

Foi nesse contexto que a imprensa sindical dos trabalhadores passou a utilizar charges como estratégia comunicativa de maneira importante e decisiva. Os principais sindicatos, e mesmo as oposições sindicais, alinhados ao “novo sindicalismo”, não raro, publicavam charges em seus boletins diários, semanais ou até quinzenais. Diante disso, a publicação de charges já se tornara parte da cultura política da imprensa sindical.

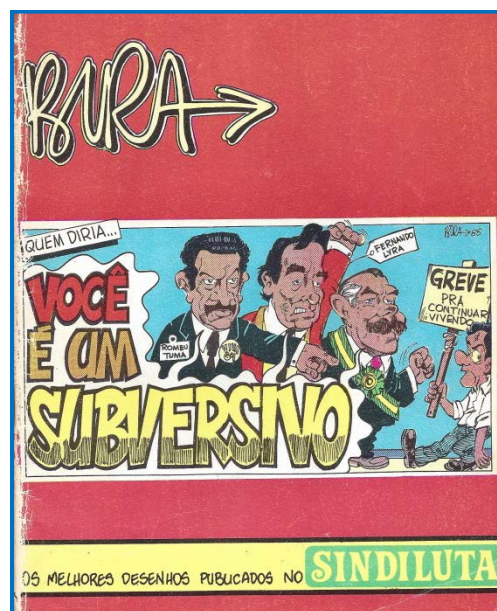
Essa prática só se intensificou ao longo das décadas seguintes até que, na virada deste século, com o avanço das tecnologias de editoração eletrônica, a charge começou a

perder espaço para fotografias e outros recursos visuais. Hoje ainda encontramos sindicatos que mantêm a cultura da charge no contexto da imprensa sindical, mas já não podemos mais considerar que a charge tem lugar cativo nas publicações impressas dos sindicatos. Sua presença se tornou residual.

Apesar disso, durante as décadas de presença massiva da charge no contexto da imprensa sindical, além de cumprir sua função comunicativa, alguns sindicatos ou os próprios chargistas produziram coletâneas de charges que serviriam como material de memória sindical ou de registro histórico da produção comunicativa de seus respectivos sindicatos. Em alguns casos, o pretexto para a organização da coletânea foi uma circunstância comemorativa; em outros, foi o próprio despertar da necessidade de construção de uma memória sindical. O fato é que, com isso, os historiadores foram brindados com um riquíssimo material para contribuir com o trabalho de produção historiográfica a partir de fontes visuais.

Passamos a identificar e comentar as coletâneas de charges da imprensa sindical que conhecemos e acessamos. A começar pela coletânea produzida pelo Sindicato dos Trabalhadores Químicos e Farmacêuticos de São Paulo, intitulada *Os melhores desenhos publicados no Sindiluta* (Figura 1).

Figura 1



Fonte: Sindicato dos Trabalhadores Químicos e Farmacêuticos de São Paulo (1985).

A coletânea foi organizada pelo departamento de imprensa do referido sindicato e lançada em agosto de 1985. Todas as charges foram produzidas pelo chargista Bira e publicadas no boletim *Sindiluta*² entre 1983 e 1985. O material foi organizado para ser vendido; todo o dinheiro da venda seria destinado ao Fundo de Greve do sindicato. Essa coletânea, de 48 páginas, parece ter sido a primeira a ser produzida com charges exclusivamente publicadas na imprensa sindical.

Pouco mais de um ano depois, em outubro 1986, foi lançada a coletânea *Ilustração sindical do Laerte* (Figura 2). Como o próprio título do material revela, trata-se de ilustrações sindicais - dentre elas, muitas charges - produzidas pelo chargista Laerte e publicadas, originalmente, nos jornais, boletins e revistas de entidades sindicais brasileiras entre 1977 e 1986.

A coordenação editorial dessa coletânea ficou a cargo de Sérgio Gomes, coordenador da Oboré, uma entidade de assessoria e apoio ao movimento sindical. Foi lançada em 1986 com o objetivo, segundo o próprio Laerte na apresentação do material, de “ajudar os sindicatos e demais organizações populares no seu esforço de construir a unidade e dirigir a luta em busca de uma vida melhor e mais justa para todos”.

Figura 2



Fonte: OBORÉ (1986).

² O boletim *Sindiluta* foi criado pelo Sindicato dos Trabalhadores Químicos e Farmacêuticos de São Paulo em agosto de 1983 para ser o boletim oficial do sindicato - com periodicidade diária -, após a vitória da oposição sindical nas eleições sindicais de 1982. Vale destacar que esse sindicato participou da criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT).

A principal característica dessa coletânea, além de compilar diferentes tipos de desenhos (charges, cartuns, ilustrações genéricas, vinhetas), em um total de mais de 170 páginas, foi o fato de ter sido colocada como de “domínio público”, ou seja, todos os desenhos foram liberados para uso sem a necessidade de pagamento de direitos autorais.

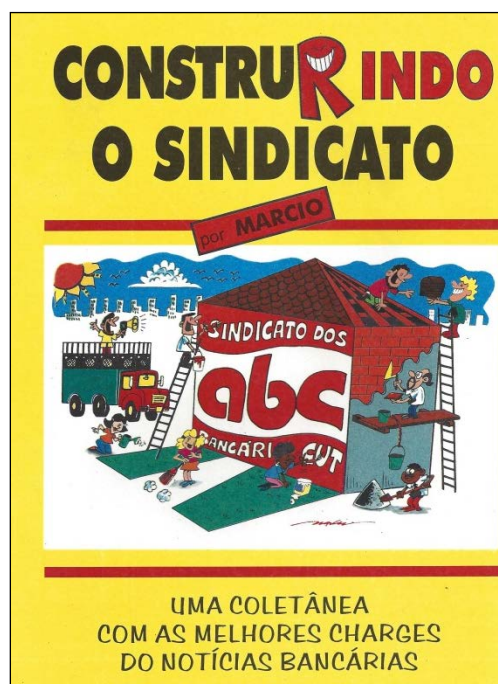
Se por um lado, essa atitude foi considerada “de uma importância incalculável para a democratização da informação e, por extensão, para a construção da democracia em nosso país”, na opinião de Gabriel Romeiro, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo à época, em texto de apresentação da própria coletânea, por outro lado, foi considerado um desastre para a categoria dos chargistas. Éton (Edson Dias), que trabalhava como chargista para a imprensa sindical na época da publicação da coletânea *Ilustração Sindical do Laerte*, fez a seguinte declaração, em entrevista concedida ao chargista Bira Dantas:

[...] tem sindicalista que enriquece nos sindicatos, rouba, mas não deixa a gente trabalhar. Eles não contratam ilustrador para poder economizar, mas por outro lado desviam altas somas dos sindicatos para as contas deles. Quer dizer que estes vão usar a cartilha do Laerte, para ficarem mais ricos! [...] Há gente ruim mesmo, em todas as categorias. Assim como o Laerte, que só pensou nele quando elaborou esta cartilha (DIAS, 2007).

Para além dessa polêmica - porém, sem jamais negligenciar a tensão que envolveu a produção e a comercialização desse material -, a coletânea *Ilustração Sindical do Laerte* é mais um conjunto de fontes visuais à disposição para ser utilizado no processo de produção historiográfica.

Mais de uma década depois, Márcio Baraldi, um dos chargistas mais conhecidos no universo da imprensa sindical, publicou duas coletâneas com charges exclusivamente produzidas e publicadas na imprensa sindical. A primeira delas foi a coletânea *ConstruRindo o Sindicato* (Figura 3), lançada em abril de 1997.

Figura 3



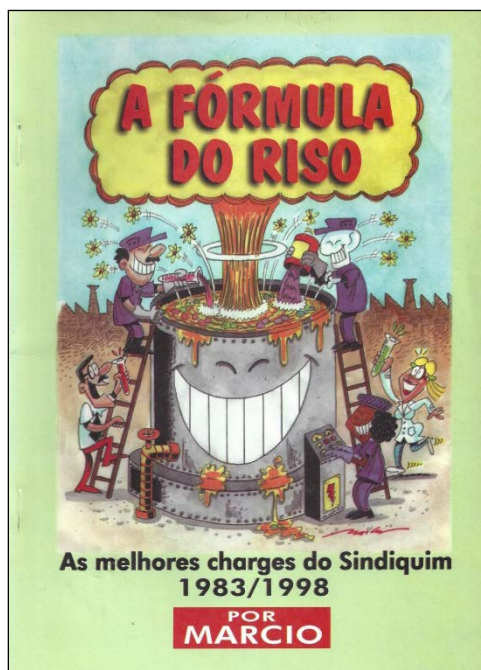
Fonte: Sindicato dos Bancários do ABC (1997).

Atuante na imprensa sindical desde 1983, Baraldi produziu charges para vários sindicatos. Começou no Sindicato dos Trabalhadores Químicos do ABC paulista, mas foram suas charges produzidas para o Sindicato dos Bancários do ABC que, em 1997, ganharam uma publicação específica, com o principal objetivo de demarcar a trajetória da gestão 1994-1997 da diretoria do referido sindicato. Com 68 páginas, a coletânea reúne charges e pequenas histórias que foram publicadas entre 1994 e 1997 no jornal *Notícias Bancárias*.

Talvez inspirado pelo exemplo do Sindicato dos Bancários do ABC, outro sindicato da região - onde Márcio Baraldi trabalhava desde o início de sua carreira como chargista - o Sindicato dos Trabalhadores Químicos do ABC aproveitou a comemoração de 60 anos de fundação da entidade para estimular a organização de uma coletânea de charges de Baraldi, que foi intitulada *A fórmula do riso* (Figura 4). São 90 páginas de charges, tiras ou pequenas histórias publicadas entre 1983 e 1998 no jornal *Sindiquim*, selecionadas pelo próprio chargista ³.

³ Márcio Baraldi organizou várias outras coletâneas de charges, como por exemplo, *Cidadania, eu quero uma*

Figura 4



Fonte: Sindicato dos Trabalhadores Químicos do ABC (1998).

Quando nos referimos a movimento sindical, de modo geral, e a imprensa sindical, de modo particular, é quase impossível não fazer referência ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, pela força política de sua atuação na realidade brasileira, desde os tempos da luta contra a ditadura civil-militar, e pela sua importância histórica na consolidação de novos marcos na concepção e na prática do sindicalismo brasileiro.

Nesse sentido, o referido sindicato não poderia ter deixado de também participar desse esforço de organizar a memória sindical. Reconhecendo a importância da imprensa sindical e, particularmente, da *Tribuna Metalúrgica*, o sindicato publicou a coletânea de charges intitulada *Tribuna Metalúrgica: 20 anos ilustrada* (Figura 5), organizada pelo chargista Pecê, contendo 150 páginas de ilustrações publicadas entre 1978 e 1998.

pra viver (outubro de 2001), *Moro num país tropicais* (2002), *Todas as cores do humor* (2002). Entretanto, essas coletâneas não contêm apenas charges publicadas na imprensa sindical; elas reúnem charges de várias outras publicações para as quais o chargista ilustrou, por isso, optamos por não apresentá-las. Baraldi, ainda, criou vários personagens e produziu diversas revistas de histórias em quadrinhos. Tudo isso pode ser conferido em seu site: <http://www.marciobaraldi.com.br>.

Figura 5



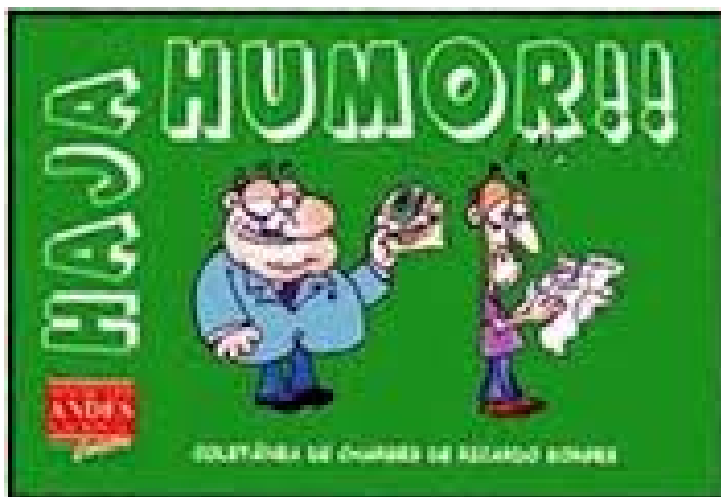
Fonte: Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (1998).

Na apresentação da referida coletânea de charges, a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC afirma a importância do jornal *Tribuna Metalúrgica* para a história da imprensa sindical e também explica os motivos da produção desse livro:

A *Tribuna Metalúrgica* tem um lugar de destaque na imprensa sindical. Foi o primeiro jornal sindical diário e um dos poucos que conseguiram atravessar estes 20 anos fazendo a cobertura das lutas dos trabalhadores. “*Tribuna Metalúrgica, 20 anos, Ilustrada*” é um livro que tem um valor comemorativo e histórico. Festeja os 20 anos de luta pela democracia e, ao mesmo tempo, organiza os trabalhos de artistas e ilustradores que, nestas duas décadas, deram a sua “mãozinha” na resistência à ditadura milita. Henfil, Élio Vargas Jr., Laerte, Pecê, Gilmar e tantos outros, ajudaram a categoria a desenhar esperança em um país melhor. Com a sátira, a ironia e quase sempre com o humor, colocaram a crítica e ousadia na cabeça dos trabalhadores. Neste Livro, organizado por Pecê, está uma parte desta história, que todos devem conhecer (SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO ABC, 1998, p. 4).

Desde a publicação de duas coletâneas no ano de 1998, passaram-se quase 10 anos até que outra coletânea de charges da imprensa sindical fosse publicada. Coube ao Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes-SN) proporcionar essa contribuição com o livro *Haja humor!!* (Figura 6). Essa coletânea foi lançada por ocasião do 27º Congresso Nacional do Andes-SN, realizado em Goiânia-GO, em janeiro de 2008, e apresenta charges produzidas por Ricardo Borges entre 2000 e 2007.

Figura 6



Fonte: ANDES-SN (2008).

As charges foram publicadas em jornais, cartilhas, panfletos, boletins impressos e eletrônicos do Sindicato Nacional e das seções sindicais em todo o país. São 90 páginas onde “o chargista faz uma crítica severa, mas bem-humorada, ao descaso dos políticos em relação às reivindicações da classe trabalhadora brasileira, em especial dos docentes de nível superior, que lutam em defesa da educação e da universidade pública” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA, 2008).

No mesmo ano, em agosto de 2008, outra coletânea de charges da imprensa sindical também foi lançada. Trata-se do livro *Falando Nilson* (Figura 7), organizado pelo chargista Nilson com suas charges produzidas para o Sindicato Intermunicipal dos Trabalhadores na Indústria Energética de Minas Gerais (Sindieletro-MG).

Figura 7



Fonte: SINDIELETRO-MG (2008).

Por ter sido organizada por ocasião da comemoração dos 60 anos do chargista, essa coletânea, contendo 80 páginas, incluiu algumas charges e histórias produzidas por Nilson fora do contexto sindical; porém, como a publicação foi uma espécie de presente e de homenagem do próprio sindicato ao chargista, entendemos que pode ser considerada, predominantemente, uma coletânea de charges da imprensa sindical.

Por fim, há uma coletânea de charges que, apesar de ter sido organizada, ainda não foi publicada. É o livro *Traço operário* (Figura 8) do chargista Arievaldo Viana, que produziu charges para diversos sindicatos do estado do Ceará. Ele selecionou algumas de suas charges publicadas na imprensa sindical cearense entre 1999 e 2009, mas não obteve patrocínio para sua impressão.

Figura 8



Fonte: VIANA, Inédito.

Em uma entrevista concedida a David Tomás, um pesquisador de histórias em quadrinhos, Arievaldo Viana (2013) comentou a situação:

O “TRAÇO OPERÁRIO” continua inédito por falta de editor. Os sindicatos é que deveriam bancar esta publicação, pois afinal de contas, conta a sua história. Ainda não tive tempo de cair em campo para “vender” essa ideia, porque desenvolvo outras atividades.

Essas são as coletâneas de charges da imprensa sindical de que temos conhecimento. Elas compõem um conjunto de fontes visuais de grande valia para a produção historiográfica, tanto da história específica do movimento sindical e de sua imprensa quanto da realidade brasileira de modo geral, vista e interpretada pelas lentes das organizações sindicais e populares. E é, justamente, a respeito dessa questão que propomos a seguir algumas considerações para encerrar nossa singela contribuição.

Uma história a contrapelo a partir das charges da imprensa sindical

A determinação e, por conseguinte, a utilização de fontes históricas para a produção historiográfica não está dissociada da própria lógica da sociedade. Por mais que reconheçamos os avanços conquistados no campo da História no que diz respeito à ampliação do conceito de fonte histórica, bem como a aceitação de “novos objetos” para o estudo da História (LE GOFF; NORA, 1988) é preciso não negligenciar que ainda há desafios a serem enfrentados e disputas a serem travadas.

A cultura e a tradição, de onde derivam a legitimação das fontes históricas, são permanentemente submetidas ao “perigo” de se “transformar em instrumento da classe dominante” (BENJAMIN, 1994, p. 224). Isso ocorre, segundo Michael Löwy (2005, p. 79), porque “a elite dominante se apropria - pela conquista, ou por outros meios bárbaros - da cultura anterior e a integra a seu sistema de dominação social e ideológica”.

Contra essa determinação, Walter Benjamin (1994, p. 225) aponta na tese VII de seu ensaio “Sobre o conceito da história” que é necessário “escovar a história a contrapelo”. Comentando as teses de Benjamin, e mais especificamente essa sua premissa, Löwy (2005, p. 74) afirma:

Como sempre, para Benjamin, o imperativo “escovar a história a contrapelo” tem duplo significado: a) histórico: trata-se de ir contra a corrente da versão oficial da história opondo-lhe a tradição dos oprimidos. Desse ponto de vista, entende-se a continuidade histórica das classes dominantes como um único e enorme cortejo triunfal, ocasionalmente interrompido por sublevação das classes subalternas; b) político (atual): a redenção/revolução não acontecerá graças ao curso natural das coisas, o “sentido da história”, o progresso inevitável. Será

necessário lutar contra a corrente. Deixada à própria sorte, ou acariciada no sentido do pêlo, a história somente produzirá novas guerras, novas catástrofes, novas formas de barbárie e opressão.

Considerando a tarefa apregoada por Benjamin, a produção e, mais do que isso, a utilização de fontes históricas derivadas do próprio contexto da “tradição dos oprimidos” para a construção do conhecimento da História e da historiografia se apresenta como um efetivo contributo.

As coletâneas de charges da imprensa sindical, convertidas em fontes históricas, trazem as impressões digitais das classes subalternas e, nesse sentido, oferecem ao pesquisador mais do que um (novo) objeto para a produção historiográfica. Proporcionam um conjunto de evidências legítimas e pertinentes ao propósito de construir uma análise da história a contrapelo.

Referências

ANDES-SN. **Haja humor!!**. Brasília, DF: Andes-SN, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. **Biblioteca da ABI ganha livro de charges**. Rio de Janeiro, 12 de fev. de 2008. Disponível em <www.abi.org.br/biblioteca-da-abi-ganha-livro-de-charges>. Acesso em 27 jun. de 2016.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232.

DIAS, EDSON. Bira entrevista o grande amigo, o cartunista Éton. **Bigorna.net**, 21 de fev. de 2007. Entrevistado por Bira Dantas. Disponível em: <<http://www.bigorna.net/index.php?secao=birazine&id=1172028015>>. Acesso em 22 jun. de 2016.

ECO, Umberto. Los marcos de la “libertad” cósmica. In: ECO, Umberto; et. al. **Carnaval!**. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta Editorial, 1991.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**, 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “sobre o conceito de história”**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MIANI, Rozinaldo Antonio. **As transformações no mundo do trabalho na década de 1990: o olhar atento da charge na imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista**. 2005. Tese (doutorado em história) - Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, 2005.

OBORÉ. **Ilustração sindical do Laerte**. São Paulo: Oboré, 1986.

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO ABC. **ConstruRindo o Sindicato**. Santo André, SP: Sindicato dos Bancários do ABC, 1997.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO ABC. **Tribuna Metalúrgica: 20 anos ilustrada**. São Bernardo do Campo, SP: Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, 1998.

SINDICATO DOS TRABALHADORES QUÍMICOS DO ABC. **A fórmula do riso**. Santo André, SP: Sindicato dos Trabalhadores Químicos do ABC, 1998.

SINDICATO DOS TRABALHADORES QUÍMICOS E FARMACÊUTICOS DE SÃO PAULO. **Os melhores desenhos publicadas no Sindiluta**. São Paulo: Sindicato dos Trabalhadores Químicos e Farmacêuticos de São Paulo, 1995.

SINDIELETRO-MG. **Falando Nilson**. Belo horizonte: Sindieletro-MG, 2008.

SILVA, Marcos Antonio da. O trabalho da linguagem. **Revista Brasileira de História**, v. 6. n. 11, São Paulo: ANPUH; Marco Zero, 1985/1986.

VERDELHO, Valdecir. A nova imprensa sindical. In: FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, pp. 80-98, 1986.

VIANA, Arievaldo. Entrevista com Arievaldo Viana (CE). **David Tomas [Blog]**, 10 de jun. de 2013. Entrevistado por David Tomas. Disponível em: <<http://davidtomasilustracoes.blogspot.com.br/2013/06/entrevista-com-arievaldo-viana-ce.html>>. Acesso em 27 de jun. de 2016.

VIANA, Arievaldo. **Traço operário**. Inédito.

Recebido em 15/07/2016
Aprovado em 26/08/2016

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em História - PPGH
Revista Tempo e Argumento
Volume 08 - Número 18 - Ano 2016
tempoeargumento@gmail.com